

Notas sobre a concepção de aprendizagem veiculada no manual didático de Psicologia Educacional de Afro do Amaral Fontoura

Notes on the learning conception from the didactic manual of Educational Psychology by Afro do Amaral Fontoura

Fátima Cristina Lucas de Souza*

Renata de Almeida Vieira**

* Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: fatimacristinaluca@yahoo.com.br

** Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora do Departamento de Métodos e Técnicas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: realvieira@gmail.com.br

Resumo

O presente artigo, de cunho bibliográfico, foi elaborado com base em estudo acerca da constituição da primeira Escola Normal do município de Maringá – PR. Traz como tema a concepção de aprendizagem vigente no manual *Psicologia Educacional 2ª e 3ª partes: Psicologia da Aprendizagem e Psicologia Diferencial* de autoria de Afro do Amaral Fontoura, educador de significativa influência na Escola Normal maringaense nos anos 50 e 60 do século XX. Tem como objetivo sistematizar e analisar a concepção de aprendizagem presente no referido manual, empregado na formação de normalistas. Um dos resultados obtidos expressa uma concepção de aprendizagem centrada tanto na pessoa, em seu organismo, quanto no meio e no método. A investigação realizada evidencia a contribuição do estudo dos manuais produzidos por Afro do Amaral Fontoura para análise histórica da formação de professores.

Palavras-chave

Manual pedagógico. Escola Normal. Amaral Fontoura.

Abstract

This bibliographical study is based on another study about the constitution of the first Normal School in the city of Maringa, state of Parana (PR). It brings up the conception of learning present in the manual *Educational Psychology parts 2 and 3: Learning Psychology and Differential Psychology* by Afro do Amaral Fontoura, educator who had great influence over the Normal School in Maringa during the 50s and 60s of the twentieth century. It aims to systematize and analyze the learning conception in the referred manual, used for the development of teachers (*normalistas*). One of the results obtained shows a learning conception centered both in the person, in its organism, and in the means and the method.

The investigation conducted evidences the contribution of the study of the manuals produced by Afro do Amaral Fontoura for the purpose of historical analysis of how teacher were developed.

Key words

Pedagogical manual. Normal School. Amaral Fontoura.

Introdução

Desde as últimas décadas do século XX, tem-se constatado um aumento significativo nos estudos e pesquisas sobre formação de professores. Na tentativa de compreender e, também, encontrar soluções para os problemas atuais, nós consideramos importante o estudo de aspectos históricos relacionados ao tema, por entendermos que um dos balizadores para reflexão a esse respeito refere-se à compreensão de que cada época produz uma necessidade histórica acerca da formação de professores, necessidade mediada pelos saberes, valores e finalidades dessa formação.

Em relação ao município de Maringá, especificamente foco de nossa atenção neste trabalho, uma das motivações que desencadearam a criação do curso normal em meados dos anos de 1950 vincula-se às reivindicações da comunidade local. Na realidade, as primeiras iniciativas para a implantação do curso de formação de professores no município datam da primeira metade dos anos de 1950. Tais iniciativas inseriram-se em um quadro sociopolítico e educacional de expansão da Escola Normal tanto em nível estadual quanto nacional.

A instalação da Escola Normal para formação de professores para o ensino primário, a qual teve início em 1956, foi,

segundo Schaffrath (2003, p. 31), resultado de reivindicações da elite local. Avalia a autora que a agilidade com que ela foi instalada deveu-se, possivelmente, à “[...] rapidez com que o antigo núcleo colonizador se desenvolveu até atingir o *status* de município”, o qual

[...] logo alcançou organização suficiente para requerer um sistema de ensino mantido pelo poder público tal como os de cidades mais antigas.

Além disso, considera que,

[...] do desenvolvimento econômico, derivou uma elite com força política que ‘chamava’ para Maringá os serviços públicos, dentre eles o da educação.

Conforme Schaffrath (2003), tal escola foi criada com o fito de preparar professores para lecionarem nas séries iniciais, posto que várias escolas públicas estavam sendo instaladas na época. Diante da grande dificuldade em contratar professores formados, com interesse em lecionar nas escolas públicas de Maringá, o corpo docente das escolas foi sendo formado por professoras habilitadas pelo curso ginásial, bem como por aquelas com o curso primário e, outras vezes, devido à carência de profissionais na região, por professores sem qualquer preparo para o magistério, visto que contavam somente com o curso primário completo (SCHAFFRATH, 2003).

Essa realidade acabou impulsionando os movimentos de criação e afirmação de escolas normais no município, as quais se tornaram instituições fundamentais no processo de formação de professores. A Escola Normal Amaral Fontoura foi sua primeira instituição voltada para o ensino normal, instalada em Maringá.

Nessa escola, cujo nome é altamente representativo da influência exercida pelo educador Afro do Amaral Fontoura¹ (VIEIRA, SOUZA, MACIEL, 2009), indicava-se, dentre o rol de leituras solicitadas às normalistas dos anos 50 e 60 do século XX, o estudo dos manuais de Amaral Fontoura. Dentre os vários manuais por ele publicados, damos destaque, neste trabalho, àquele que trata do tema aprendizagem, o manual de *Psicologia Educacional*, em sua 2ª e 3ª partes, que tratam da *Psicologia da Aprendizagem e Psicologia Diferencial*.

Antes de descrever o conteúdo das interpretações veiculadas em tal manual, destacamos que os manuais pedagógicos eram considerados instrumento, por excelência, do professor (ALVES, 2005; ALVES, CENTENO, 2009). No caso do manual que abordamos neste estudo, ele se alinha entre aqueles manuais que visam à formação de professores. Conforme expõe Silva (2003, p. 30), manuais com tal finalidade tratam de temas previstos para o

¹ Afro do Amaral Fontoura foi educador, sociólogo, psicólogo, técnico de educação, delegado do governo junto a várias escolas normais, bem como professor de diferentes faculdades, dentre elas a Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ademais, atuou na produção de manuais pedagógicos para professores entre os anos de 1950 e 1970.

[...] ensino de disciplinas profissionalizantes dos currículos de instituições de formação docente, no caso, aquelas diretamente relacionadas com questões educacionais, a saber, a pedagogia, a didática, a metodologia e a prática de ensino.

Cada manual reúne, de modo sistematizado, conteúdos escolares, os quais são tratados de modo acessível e sucinto com vistas a favorecer um primeiro contato do leitor com as questões propostas.

Nos manuais pedagógicos, conforme analisa Silva (2003, p. 46), faz-se presente o seguinte mecanismo:

[...] selecionando o que há de “essencial” para a profissão docente, eles exercem a autoridade de ensinar o que se tem por mais legítimo na área, fundamentando as práticas “ideais” para o professorado.

Em correspondência com os planos de estudos oficialmente prescritos para o ensino nas escolas normais e elaborados a partir das determinações oficiais, os manuais apresentam a síntese de uma ampla literatura, escrita por diversos nomes e relacionada aos diferentes campos do saber, entre eles, o campo da psicologia. Em que pese a não estarem a salvo de simplificações e esquematismos, Correia e Silva (2003) destacam que a publicação de manuais se respalda em argumento que aponta a necessidade de proporcionar aos professores em formação e novos professores um guia de consulta rápida.

Além de integrar as leituras promovidas pela escola, os manuais pedagógicos

têm a função tanto de formar os estudantes quanto de dar subsídios à constituição da identidade profissional dos professores, os quais atuarão na formação de outros alunos. Esse elemento, entre outros, contido nos manuais pedagógicos, certamente lhes confere um lugar muito especial no processo de formação do professor e do aluno.

1 O que o nos revela o manual de Psicologia Educacional 2ª e 3ª partes: Psicologia da Aprendizagem e Psicologia Diferencial?

Foi publicado pela primeira vez no ano de 1958, e o livro utilizado neste estudo é de 1966, já em sua décima terceira edição. Este manual de *Psicologia Educacional...* sintetiza a concepção de Amaral Fontoura acerca da aprendizagem.

Em termos de organização, destacamos que se trata de um livro

[...] dividido em três partes, sendo que a primeira trata da Psicologia Genética ou da Criança; a segunda, da Psicologia da Aprendizagem; e a terceira, da Psicologia Diferencial" (ASSUNÇÃO, 2007, p. 75).

No que se refere ao conteúdo, o autor aborda questões como

[...] atenção, memória, associação de ideias, prazer, emoções, sentimentos, paixões, reflexos, instintos, vontade, linguagem, desenho, personalidade, inteligência, medidas da inteligência, temperamento, caráter. (ASSUNÇÃO, 2007, p. 76).

Ante a variedade de questões tratadas pelo autor, interessa-nos, nesta

oportunidade, a concepção de aprendizagem veiculada no manual. Na concepção de Fontoura (1966), a aprendizagem é um fenômeno complexo que compreende os aspectos biológicos e psicológicos de cada indivíduo. Embora complexo, encerra-se enquanto capacidade humana inata, o que quer dizer que, ao nascer, o ser humano já traz definidas suas aptidões, bastando-lhe apenas desenvolvê-las.

O ato de aprender, em seu entendimento, não deve se ater apenas a objetos concretos, mas deve abarcar raciocínio e julgamento, que se efetivarão por meio de condicionamentos. Nessa perspectiva, o processo de ensino está relacionado à produção de respostas e atitudes desejadas mediante o seu reforço. A produção de tais atitudes, por sua vez, requer a compreensão de que o ato de aprender divide-se em duas partes: a primeira relativa à fase nervosa, e a segunda refere-se à fase mental ou psíquica.

Na primeira fase, a qual envolve o período inicial de vida e educação da criança, a aprendizagem ocorre por meio dos órgãos dos sentidos, os quais veiculam as experiências sensíveis até o sistema nervoso central, ocasionando novas conexões nervosas. São os órgãos dos sentidos, a princípio, que dão a conhecer o mundo exterior ao indivíduo. Já em um momento posterior, que concerne à segunda fase, é a aquisição de novas atitudes e comportamentos, efetivada pela via psíquica, que se torna foco da aprendizagem.

Um conceito fundamental de aprendizagem em Fontoura (1966, p. 8) é que o indivíduo, ao nascer, precisa adaptar-se

ao meio em que vive para sobreviver, ou melhor, viver, já que “[...] a aprendizagem é um constante ajustamento e reajustamento do indivíduo [...]”. Nesses termos, valoriza a educação que antecede a aprendizagem, por concebê-la como um instrumento de socialização dos indivíduos e de formação da moral, do comportamento adequado e da bondade humana, visando a uma organização harmônica da vida social.

Para entender o conceito de aprendizagem divulgado no manual de Amaral Fontoura, é preciso também compreender outra questão por ele destacada, qual seja, a relação entre aprendizagem e educação.

Para Fontoura (1966, p. 7),

[...] educar-se é melhorar, é progredir, é crescer mentalmente e moralmente. E o fenômeno através do qual o indivíduo se educa é a aprendizagem. Portanto, aprender é sinônimo de educar-se.

Ressalta o autor que “[...] a aprendizagem é o instrumento da educação, é a forma de adquirir educação”. Significa que, à medida que o indivíduo aprende, está se educando, aperfeiçoando suas capacidades internas e crescendo. Enfim, está desenvolvendo sua personalidade.

A educação, explicita o autor, está voltada para o desenvolvimento de valores morais, tais como respeito, amor e solidariedade, estando ela presente em todas as instituições sociais, não se limitando à escola. Assim, acredita que a educação é um processo interminável, uma vez que o indivíduo, durante toda a sua vida, está em contato com pessoas, em diversas ocasiões

e em lugares diferentes. Esses contatos, considerados por Amaral Fontoura como estímulos, colaboram de maneira positiva ou negativa para educá-lo.

Ainda sobre o conceito de educação, Amaral Fontoura afirma que educar é, em primeiro lugar, estimular o indivíduo de modo a extrair dele as capacidades necessárias ao seu desenvolvimento. Isso quer dizer que o conhecimento institui-se como inerente à natureza humana, cabendo ao meio social fazê-lo aflorar.

Como a educação é um processo contínuo e imanente ao meio social, e o conhecimento, uma capacidade inata e individual, qual é o papel do professor para o autor em questão?

Do que pudemos apreender, a função do professor não se restringe à transmissão do conteúdo, ao contrário, esta parece ser um elemento secundário se comparada à necessidade mais abrangente de educar. No que se refere àquele que educa, Fontoura (1966, p. 33) considera que o

[...] educador é o professor que, além de dar, com proficiência, a matéria, se ocupa constantemente com a formação da personalidade do aluno e com a projeção deste na vida da comunidade.

Com base neste excerto, é possível afirmar que as atribuições propriamente docentes de instruir permanecem subordinadas à tarefa de educar no sentido de formação moral e de comportamento, a fim de adaptar os indivíduos ao meio social que lhe é destinado.

Com efeito, duas são as posturas esperadas do professor:

- 1) uma didática na condução das aulas, de modo que os alunos se sintam motivados a estudar e que possam gostar tanto da matéria quanto do conteúdo orientado pelo professor. Trata-se de um docente motivador e estimulador da aprendizagem;
- 2) uma conscientização da função social a ele atribuída, a qual se revela na adequação da subjetividade do indivíduo às leis sociais;

Preocupado, ainda, com os aspectos neurológicos da aprendizagem, Amaral Fontoura exalta, no manual, a importância do reflexo condicionado como base de toda aprendizagem. Tal afirmação está fundamentada em estudos desenvolvidos pelo psicólogo russo Ivan Pavlov (1849-1936). Este, ao realizar experiências de laboratório com pessoas e animais, concluiu que tanto um quanto o outro aprendem igualmente pelo reflexo condicionado, ou seja, pelo reforço positivo ou negativo de ações aspiradas.

Em seu manual, encontra-se, ainda, em evidência, a crença do autor na psicologia, entendida como a ciência capaz de dar respostas às suas indagações sobre o processo de aprendizagem. Nessa sua defesa, é possível visualizar uma valorização de elementos subjetivos ao indivíduo, os quais determinam o que este pode aprender e como pode aprender, além de ditar o ritmo de aprendizagem. Desse modo, não concebe a aprendizagem como um processo alheio ao indivíduo, delimitado pelo professor ou por qualquer outra

autoridade, mas reconhece que é este “[...] quem nos marca o ritmo, a forma e os limites da aprendizagem” (FONTOURA, 1966, p. 31).

Outro aspecto, tratado no manual de psicologia educacional por Fontoura (1966), refere-se aos cinco princípios norteadores da aprendizagem, os quais, por sua vez, subsidiam algumas leis que regem o aprender.

2 Sobre os Princípios e Leis da Aprendizagem

O primeiro princípio, contido no manual, traz em evidência a gênese do processo de aprendizagem. Utilizando-se de vários exemplos, Fontoura (1966, p. 14) esclarece que “[...] aprender é formar novas conexões nervosas, isto é, reagir diferentemente”.

O que o autor quer dizer com isso?

Entende que “reagir diferentemente”, ante as situações, pressupõe uma primeira ação que deve ser modificada. Esta ação primeira é apresentada como um reflexo instintivo que se mostra no contato direto com estímulos presentes no mundo exterior ao indivíduo, cuja manifestação encontra-se tanto nos animais quanto nos seres humanos. Nesse sentido, o indivíduo alcança a aprendizagem quando consegue substituir esse reflexo instintivo por uma reação aprendida por condicionamento.

O segundo princípio aparece como consequência e explicação do primeiro. Se, para Amaral Fontoura, a aprendizagem é um fenômeno condicionado, esse

condicionamento se opera por meio de alterações de conexões nervosas. A aprendizagem é, de fato, produzida por estímulos captados pelos órgãos dos sentidos, que, ao levarem as informações do mundo exterior ao cérebro, cerebelo, bulbo e medula, transformam-se em reações.

O terceiro princípio apontado por Fontoura (1966) é o do “Uso”, já que compreende que aprender é sinônimo de agir, não acontecendo, portanto, de forma passiva. Para o autor, quando modificamos uma conexão nervosa, ou seja, quando reagimos de outra maneira que não a instintiva, é preciso praticar esta reação, agir por intermédio dela e usá-la em diferentes momentos, a fim de a fortalecer. Nessa dinâmica, aprender é “[...] um fenômeno ativo, no qual [...] aprendemos as reações que praticamos” (FONTOURA, 1966, p. 16).

Como consequência e extensão do terceiro princípio, Fontoura (1966) pontua a relevância da “frequência”, vista como o quarto princípio, que se baseia na concepção de aprendizagem presente no manual. Trata-se da necessidade visceral de repetir ações, gestos, comportamentos, quantas vezes forem necessárias, até que se formem ou se estabilizem os reflexos condicionados.

Há, sem dúvida, nesse princípio, a crença da repetição como instrumento da aprendizagem. Isso revela que Amaral Fontoura não descarta todos os preceitos da Escola Tradicional, antes, busca adaptar aqueles que ele considera conveniente aos princípios da “escola viva”, expressão criada por ele para indicar o tipo de educação e de escola que desejava.

O quinto princípio, presente no manual, é apresentado em argumentação favorável ao anterior. Se a prática constante garante a continuação da conexão nervosa, o desuso pode levar ao enfraquecimento e, até mesmo, à extinção da conexão. Com efeito, os conteúdos a serem orientados pelo professor devem ser úteis à vida dos alunos para que possam praticá-los sempre, evitando seu esquecimento.

Com base nos cinco princípios apresentados, Fontoura (1966) apresenta algumas leis que o auxiliam a explicar de que maneira ocorre o processo da aprendizagem e como os indivíduos devem aprender. As leis da aprendizagem contidas no manual estão ordenadas em fundamentais e secundárias. Tais leis, de acordo com a afirmação do próprio autor, devem ser conhecidas, seguidas e aplicadas pelos professores. Trata-se de indicar aos educadores uma direção didática, de modo que consigam melhor atuar em sala de aula.

Fontoura (1966) assim apresenta as leis da aprendizagem:

- 1ª - Lei da Atividade: A aprendizagem depende fundamentalmente desta lei. Compreende-se a necessidade da ação do aluno no processo, deixá-lo aprender por sua própria experiência. Parte-se do princípio que só se aprende a resolver exercícios escolares resolvendo-os.
- 2ª - Lei do Interesse: Se for fato verdadeiro que o aluno só aprende a fazer fazendo, este fazer depende, por sua vez, de um interesse ou necessidade. Isso quer dizer que, se o aluno não

possui interesse por um conteúdo, cabe ao professor criá-lo, ainda que artificialmente, e a melhor maneira de se fazer isso é deixar as aulas mais interessantes e atraentes.

3ª - Lei do Prazer ou do Efeito: A aprendizagem se dá de forma mais efetiva e rápida se o conteúdo for apresentado ao aluno de forma prazerosa. As pessoas aprendem com maior facilidade aquilo que lhes dá prazer. Destaca, então, a importância de incentivar os alunos a participar das aulas, realizar pesquisas, entre outras atividades. As escolas devem colaborar organizando passeios, utilizando recursos visuais, enfim, criando um ambiente agradável que favoreça a aprendizagem.

4ª - Lei do Uso ou do Exercício: Evidencia a necessidade de repetir uma reação até que esta se torne perfeita. No que se refere ao aluno, é preciso que exercite os conteúdos que aprendeu tantas vezes quanto necessário até que consiga incorporá-los a sua personalidade.

5ª - Lei do Desuso: A quinta lei trata do perigo de não utilizar aquilo que aprendemos ou utilizar poucas vezes. Entende que os conteúdos escolares tendem a ser esquecidos pelos alunos quando não é possível usá-los em sua vida cotidiana.

6ª - Lei do Ritmo: A natureza humana evidencia que a aprendizagem não ocorre em tempo linear e que a capacidade que temos de nos concentrar é reduzida, por isso são necessários momentos de descanso. Cabe ao professor alternar períodos de aprendizagem com

paradas de repouso, o autor aconselha um descanso de dez minutos para que o tempo de aula seja bem aproveitado.

7ª - Lei da Totalidade: Não é possível conhecer um objeto ou fenômeno ao separá-lo em partes e estudá-las uma a uma. A atenção humana está voltada para as formas globais, para o conjunto. A orientação da aprendizagem deve se dar sob a perspectiva do todo para as partes, da síntese para a análise.

8ª - Lei da Recenticidade: Afirma que quão mais recentes são praticadas as atividades, mais facilidades o aluno terá para executá-las. O professor que conhece esta lei, sempre que necessário, retoma e articula os conteúdos trabalhados.

9ª - Lei da Prontidão ou Disposição: Compreende uma predisposição do organismo humano para executar determinada atividade de maneira mais eficaz. Nesse sentido, o professor deve conhecer e entender como ocorre o processo de desenvolvimento do organismo humano e respeitar as fases de seu desenvolvimento.

10ª - Lei da Intensidade: Entende que as capacidades dos indivíduos são desenvolvidas mais rapidamente com o treinamento constante. A intensidade dos exercícios praticados pelos alunos acelera a sua aprendizagem.

11ª - Lei da Realidade: A aprendizagem requer uma situação real. Não se aprende a resolver problemas em situações forçadas pela escola, é preciso vivenciá-las, saber lidar com elas. É preciso que a escola reproduza a

vida em sociedade com todos os seus problemas e limites.

12ª - Lei da Novidade: O processo de aprendizagem é antecipado quando, nele, são integrados elementos novos que despertam a curiosidade. Quanto mais o professor diversificar sua aula, utilizando-se de recursos didáticos, jogos e brincadeiras, mais fácil e rápida será a aprendizagem.

Apresentadas essas leis, Fontoura (1966) prossegue com a teorização de outros determinantes presentes no processo de aprendizagem, que, afirmamos mais uma vez, para ele, é uma atividade contínua, que começa na escola, mas não se encerra nela.

3 Que determinantes da aprendizagem esses princípios e leis evidenciam?

Os princípios e leis trazidos no manual de psicologia por Amaral Fontoura evidenciam o indivíduo que aprende e o seu organismo como fatores determinantes, trazendo-os para o centro do processo de aprendizagem. O aluno só aprende algo quando se concentra nas aulas, quando consegue sintonizar seu corpo e sua mente em favor a aprendizagem. Essa sintonia é, na verdade, uma atividade física e mental indispensável ao ato de aprender.

A atividade dos alunos é o pressuposto básico para a ação da aprendizagem, “[...] cada um aprende apenas aquilo que pode aprender e que quer aprender” (FONTOURA, 1966, p. 71).

Esse tipo de pensamento coloca o aluno no centro das preocupações edu-

cacionais e aponta para duas questões. A primeira é o reconhecimento dos educandos como indivíduos diferentes e, por isso, com necessidades diferentes; a segunda refere-se ao limite da aprendizagem, que deve ser ditado pelo próprio aluno, definido dentro de suas capacidades.

Se o aluno é o que existe de mais importante no sistema educacional, o bom funcionamento de seu organismo é um fator primordial para o sucesso da aprendizagem.

Para Fontoura (1966), da boa saúde do corpo e do espírito dependem todas as outras atividades, inclusive a de aprender. Todavia esta não é suficiente para garantir um mesmo rendimento entre os educandos já que, por natureza, “[...] há alunos mais inteligentes e outros menos inteligentes [...]” (FONTOURA, 1966, p. 72) em decorrência das diferenças individuais.

Além do organismo e da inteligência, outros fatores podem prejudicar a aprendizagem, dentre elas, o meio familiar. Muitas vezes, as crianças são perfeitamente saudáveis e com níveis de inteligência considerados normais, no entanto apresentam dificuldades para aprender. Para Amaral Fontoura, este tipo de situação pode indicar que o aluno sofra de desajustamentos psicossociais, fato que atrapalha na sua aprendizagem.

Tais desajustamentos têm origem na vida familiar das crianças. Desorganização nas famílias, pais alcoólatras, brigas entre irmãos, ausência de carinho e atenção dos pais, entre outros problemas, abalam as estruturas psicológicas e mesmo físicas do educando, afetando seriamente sua vida

escolar. Evidencia-se, desse modo, que as questões pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem deveriam ser analisadas, no máximo, com base no histórico familiar da criança, sem, contudo, considerar as determinações sociais mais amplas.

Outro fator que o autor acredita ser decisivo para a aprendizagem é uma boa alimentação do aluno. Para Fontoura (1966), uma criança com fome não consegue aprender, visto que sua capacidade de concentração fica comprometida. A escola não pode se omitir dessa responsabilidade, por isso, tão importante quanto construção dos edifícios escolares, uso dos materiais didáticos e ensino dos próprios conteúdos escolares, é a merenda ofertada pelos governos às escolas. Para Fontoura (1966, p. 74), se a escola não conseguir ofertar “[...] o pão do corpo, muito pouco adianta dar o pão do espírito, o saber, que o aluno doente e subnutrido não está em condição de usar”. Destarte, observa-se a inversão da função da escola que, em primeiro lugar, deve ater-se à alimentação dos alunos como condição a sua aprendizagem.

Os defeitos nos órgãos sensoriais das crianças são igualmente citados como aspectos prejudiciais à aprendizagem. Em especial, a visão e a audição do educando merecem uma atenção do professor. Fontoura (1966) esclarece que, com frequência, pais e professores não atentam para tais aspectos, prejudicando o desenvolvimento social e escolar da criança. Ressaltamos que tal preocupação evidenciada pelo autor aclara a centralidade assumida pelo fator biológico junto ao processo educativo.

O cansaço físico é outro fator apresentado no manual como prejudicial à aprendizagem. Crianças que precisam trabalhar muito em casa, ou mesmo fora dela, têm dificuldades em aprender o que aprenderiam facilmente se não estivessem cansadas. A fadiga física e mental dos alunos diminui, e muito, a capacidade de aprender, por isso o professor deve se preocupar com o descanso dos alunos, não exigindo o que eles, devido ao cansaço, não conseguem dar.

O meio físico e social também são, para Amaral Fontoura, determinantes no processo de aprendizagem. O ambiente escolar deve proporcionar prazer e alegria aos alunos, a começar pelo prédio da escola. Este deve ser espaçoso, bem limpo e iluminado e de aparência alegre. As salas de aulas precisam ser bonitas, alegres, com quadros, cartazes e flores, inclusive na mesa do professor e nas janelas. Enfim, todo o ambiente escolar deve ser agradável aos alunos, favorecendo atitudes amáveis dos professores, diretor e outros funcionários da escola para com os alunos.

Em relação ao meio social, este exerce grande influência sobre a aprendizagem. Para Fontoura (1966), crianças pertencentes a meios sociais diferentes apresentam grandes desigualdades em conhecimentos, comportamentos e sentimentos. A criança que vive em um meio social organizado, em que sua família possui recursos materiais e as relações entre os membros são harmoniosas, aprende mais rápido do que uma criança vinda de um meio social inferior ou problemático. Embora reconheça a existência

das diferenças sociais e seu influxo nas diferenças educacionais, não se constata a crítica a estas assimetrias, ao contrário, aceita-se a sua perpetuação, uma vez que a escola deve contribuir para a adaptação de cada indivíduo ao seu meio específico.

Para Amaral Fontoura, é fato provado que a criança aprende por imitação. Logo, crianças que possuem um bom meio social, onde os pais valorizam boas maneiras à mesa, regras de higiene e respeito para com as pessoas, tendem a imitar tais atitudes e comportamentos. O contato com este tipo de cultura proporciona o progresso mental e social das crianças além de favorecer o desenvolvimento educacional.

As influências do meio físico no processo de aprendizagem são também, bastante enfocadas por ele. As condições ambientais podem contribuir, alerta o autor, tanto para melhorar quanto para dificultar o desenvolvimento do fenômeno. Nesses termos, atenta para a necessidade de as escolas e os professores darem mais atenção a esse problema.

Fontoura (1966) esclarece que fatores como clima, temperatura, condições atmosféricas, barulho, luz, cor, distribuição do tempo, da matéria, hora e conforto precisam ser administrados de modo que favoreçam a aprendizagem do aluno. Cabe às autoridades públicas e à própria organização da escola, proporcionar um ambiente arejado, de temperatura agradável, silencioso, bem iluminado, enfim que dê condições para que o aluno aprenda.

O método utilizado pelo professor e o método pelo qual o aluno aprende são, também, questões que o preocupam,

devido à relação que estes mantêm com o processo de aprendizagem. Entretanto, no manual, é tratado apenas a respeito do segundo método, sendo dadas algumas indicações de leituras sobre metodologia do ponto de vista do professor.

Outro aspecto a ser destacado é que, para Fontoura (1966), a aprendizagem do aluno não se concretiza somente pela exposição do conteúdo pelo professor. As aulas encaminhadas pelo docente são apenas o primeiro passo para que o aluno aprenda. Outros elementos devem ser incorporados à orientação do professor, entre eles, a discussão, o debate, os exercícios, os jogos, as pesquisas e os textos e relatórios produzidos pelos alunos. Trata-se da valorização do método, sua sobreposição ao conteúdo, como instrumento de aprendizagem do aluno.

Ao entender que a aprendizagem é uma atividade nervosa e psíquica voltada, inicialmente, ao desenvolvimento da personalidade da criança e a sua adaptação social, demonstra que o aluno só aprende por experiência própria ao evocar uma ação interessada. Do seu esforço pessoal para aprender a matéria, depende totalmente a sua aprendizagem. Essa aprendizagem, no entanto, depende, ainda, de fatores fisiológicos, físico-sociais, técnicos e psicológicos. Além disso, a fixação do conteúdo só ocorrerá se houver estudos posteriores, os quais merecem a assistência do professor. Este deve mostrar aos alunos que os estudos realizados em casa devem obedecer às mesmas exigências das aulas, caso contrário a assimilação da matéria pode não ocorrer.

Considerações finais

Apresentamos, neste texto, com o intuito de contribuir com a história da educação, em especial a história da formação de professores no município de Maringá, a concepção de aprendizagem constante no manual *Psicologia Educacional 2ª e 3ª partes: Psicologia da Aprendizagem e Psicologia Diferencial*, de autoria do educador brasileiro Afro do Amaral Fontoura, o qual exerceu significativa influência na Escola Normal maringaense nos anos 50 e 60 do século XX.

Consideramos que, ainda que em primeira aproximação, conhecer como esse educador concebia a aprendizagem pode ser revelador de traços das práticas escolares e de conhecimentos ensinados às normalistas nos anos de 1950 e 1960, em Maringá.

É importante destacar que, ao nos propormos entender a concepção de aprendizagem veiculada por Amaral Fontoura, selecionamos o seu manual de psicologia educacional porque o autor empenhou-se no estudo e apresentação

das formas, leis e princípios da aprendizagem. Nessa empreitada, pudemos observar, entre outros aspectos, que a fundamentação subjacente ao manual analisado está relacionada à abordagem comportamental, presente à época em elaborações teóricas no âmbito da psicologia educacional. Observamos, ainda, que, com o fito de ajudar na compreensão da criança, as contribuições da psicologia (educacional) não somente ganharam espaço dentro do campo da educação, como também encontraram acolhida nas Escolas Normais. Os manuais pedagógicos, tal como o de autoria de Amaral Fontoura, ora apresentado, certamente contribuíram para tal feito.

Por tudo isso, podemos concluir que por meio de seu manual de psicologia educacional, Fontoura (1966) forneceu, de maneira categórica e objetiva, aos estudantes da Escola Normal secundária, futuros professores, os conhecimentos que ele acreditava serem necessários para explicar como o aluno aprende e o que deve aprender, bem como os fatores que influenciam a aprendizagem.

Referências

ALVES, G. *O trabalho didático na escola moderna: formas históricas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

ALVES, G. L.; CENTENO, C. V. A produção de manuais didáticos de história do Brasil: remontando ao século XIX e início do século XX. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 42, p. 469-602, set./dez. 2009.

ASSUNÇÃO, M. M. S. de. Os livros didáticos de psicologia educacional: pistas para análise da formação de professores(as) – (1920-1960). *Temas em Psicologia*, 15, n. 1, p. 69-84, 2007.

CORREIA, A. C. da L; SILVA, V. B. da. Uma história de leituras para professores: manuais pedagógicos, formação docente e construção de identidades profissionais em Portugal e no Brasil (1930-1970). In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE, 14. 2003, Campinas, SP. *Anais...* Campinas, SP: COLE/UNICAMP, 2003.

FONTOURA, A. A. *Psicologia educacional* – 2ª e 3ª partes: Psicologia da aprendizagem Psicologia diferencial. 13. ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1966.

SCHAFFRATH, M. dos A. S. *A gênese de ensino normal em Maringá: estrutura e determinações*. Maringá, PR: Universidade Estadual de Maringá, 2003. Relatório Final de Pesquisa.

SILVA, V. B. da. Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, SP, n. 6, p. 29-57, jul./dez. 2003.

VIEIRA, R. de A; SOUZA, F. C. L. de; MACIEL, L. S. B. Leitura para professores: manuais pedagógicos em circulação na Escola Normal Amaral Fontoura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE, 17. 2009, Campinas, SP. *Anais...* Campinas, SP: COLE/UNICAMP, 2009.

Recebido em agosto de 2011

Aprovado para publicação em setembro de 2011

